



Florianópolis, 27 de Junho de 2020

Réplica à Notícia publicada no Portal de Notícias da UDESC sobre o Retorno às Aulas via Ensino Remoto

Esta carta é uma réplica à notícia publicada no portal de notícias da UDESC no dia 24 de junho de 2020, intitulada "[Alunos e professores da Udesc relatam experiências com aulas não presenciais na graduação](#)". A notícia apresenta relatos da comunidade acadêmica a respeito da experiência de retomada das aulas em modalidade não-presencial. Nós do Centro Acadêmico de Música da UDESC (CAMU) - CEART consideramos que a seleção de opiniões expressas na notícia foi de caráter tendencioso e desconsidera importantes debates que estão sendo conduzidos no ambiente acadêmico de universidades públicas no Brasil. No que se segue, comentamos algumas das opiniões expostas na matéria, para em seguida desenvolver nossa opinião sobre a questão em alguns parágrafos.

Nos parágrafos iniciais da notícia, lemos que "diversos estudantes e professores de vários centros da UDESC relataram suas experiências iniciais de adaptação com as aulas não presenciais". Já nesse momento nos deparamos com um subterfúgio narrativo: ao apresentar o corpo de opiniões que leremos em seguida como diversificados e originários de "vários centros", a notícia nos dá a impressão de que um vasto campo de opiniões encontra-se representado, ou que as opiniões expressas representam de alguma forma uma parcela ampla e significativa da comunidade acadêmica, quando são apresentadas opiniões de alunos de apenas 7 cursos, de 6 dos 12 centros da UDESC (CAV, CCT, CEFID, ESAG e FAED).¹ Esta questão da representatividade é ainda mais grave quando consideramos que, ao contrário do que acontece em uma organização representativa de fato, essas opiniões não foram emitidas por estudantes deliberadamente eleitos pela comunidade discente para representar a

¹ Poderíamos, nesse sentido, tecer também um comentário a respeito do recorte em termos de áreas do conhecimento, como, por exemplo, a ausência de depoimentos de professores e alunos das áreas de artes, de professores da área da educação, etc.

experiência dos alunos como um todo, mas são todavia implicitamente apresentadas como "a opinião dos alunos". O mesmo acontece no caso dos professores.

Embora o objetivo não seja considerar cada opinião em separado, para desenvolver nosso argumento optamos por compor os próximos parágrafos comentando algumas das opiniões apresentadas na notícia. Dessa forma, consideramos imperativo que a leitora, se ainda não o fez, tome um tempo para [ler a matéria na íntegra](#), a fim de ter uma experiência de leitura informada e autônoma dos próximos parágrafos.

No que compete às considerações emitidas pelos alunos, a primeira delas deixa bem claro, logo de partida, a que se presta a notícia: "**O principal ponto positivo é podermos estar dando continuidade no semestre, sem dúvida, é o que importa**". Seguida por outras frases que, como esta primeira, ao invés de relatar uma experiência, emitem opiniões taxativas, este "relato" dá o tom para os que se seguem. Comentário após comentário, vamos ficando com a suspeita: será que o que temos à nossa frente é uma engenhosa obra de colagem de dados, onde se curou criteriosamente os relatos coletados a fim de completar satisfatoriamente a imagem que se tinha em mente: avaliar positivamente o retorno às aulas via ensino remoto?

Após um pequeno preâmbulo em citação indireta, a citação direta do segundo comentário é também uma forte afirmação: "**Vivemos em uma era tecnológica, e a universidade não pode ficar fora desse processo**". Resta saber com precisão quais serão os custos da inserção da universidade nesta "era tecnológica"; como comenta o doutorando em educação Allan Seki em entrevista ao jornal UFSC à Esquerda, é preciso ter cuidado para separar com clareza os usos da tecnologia a favor da educação dos efeitos deletérios de uma adoção precipitada de "modelos educacionais do século XXI". Certamente a tecnologia pode ser uma poderosa ferramenta da educação; o próprio Seki discute oportunidades que se apresentam em uma situação de ensino remoto na entrevista mencionada:

Se a discussão for de retomada das atividades de ensino **obrigatórias** para os cursos de graduação e pós-graduação da universidade [...], a gente vai ter um contexto totalmente diverso do que seria estar discutindo, de uma forma crítica e razoável, a manutenção de atividades **não-obrigatórias**, que possibilitassem que os estudantes mantivessem uma interação com o conhecimento, com as instituições, com os seus professores, inclusive pensando as questões atuais, pensando como a crise societária em que estamos tem reflexos sobre os problemas sociais e como nossas áreas de conhecimento podem ser pensadas. Isso poderia se desdobrar em diversas atividades muito interessantes, desde atividades dentro de um curso, como atividades em múltiplos cursos ao mesmo tempo, em que os estudantes pudessem viver um pouco do que é a universidade, que é poder transitar

por distintas áreas do conhecimento, pensar problemas por epistemologias e ontologias diferentes, mas inclusive não restrita a uma única universidade. Seria possível fazer trocas entre universidades [de diversos lugares do Brasil] que pudessem ser creditadas como disciplinas não-obrigatórias, como atividades extra-curriculares, **ter, de alguma forma, uma organização com o currículo dos cursos, sem necessariamente impor uma condição de precarização da relação entre os estudantes e seus cursos de graduação e pós-graduação** (SEKI, 2020, 1:31:30 - 1:34:30, ênfases e ligeiras adaptações fala-texto nossas).

Combinando a energia de movimento posta em curso pelos comentários anteriores, o comentário que encabeça a seção "Desafios a serem vencidos" abre, completamente e com um *flair* dramático, as cortinas do palco: **"Para muitos que criticam, há vários outros que aprovam. Penso que a Udesc quer o bem da universidade, dos alunos que necessitam se formar para serem inseridos no mercado de trabalho, com o uso da tecnologia ao nosso favor"**. Pedimos à leitora para que tome nota de como a seleção de citações diretas na redação da notícia parece ter sido sistemática: chegando ao final da seção de comentários dos alunos, estamos com as mãos cheias de afirmações taxativas e vagas que respaldam ideologicamente a retomada das atividades de ensino em caráter obrigatório.

Quanto às considerações emitidas pelos professores, encontramos na fala de um professor de matemática de Joinville uma consideração mais complexa do que as anteriormente discutidas, que apesar de também ser composta de um conjunto de afirmações, apresenta duas facetas do problema que temos em mãos: "O ponto negativo é que a falta (sic) da interação pessoal, que sempre será fundamental no ensino de qualquer disciplina. No entanto, seria muito pior se não tivéssemos nenhuma interação com o estudante neste tempo de pandemia. Ensino a distância é a nossa única saída neste momento". Das três frases do professor, concordamos com as duas primeiras, mas nos sentimos um tanto quanto desconfortáveis no que diz respeito à última. É verdade que estamos limitados às interações de forma remota, não-presencial ou mesmo *online*, mas o termo educação à distância levanta dúvidas: estaria o professor se referindo a este caráter mais geral da interação, ou estaria o professor se referindo à adaptação dos cursos ao modelo EaD para que, dentro deste formato, possam prosseguir "normalmente" dentro do possível? Desta última possibilidade, discordamos veementemente, como deixaremos explícito no decorrer desta carta. A coisa fica muito mais sórdida e controversa com o excerto do depoimento do professor selecionado para finalizar a seção de relatos do corpo docente. Antes de comentar, citamos o pequeno parágrafo na íntegra:

[O professor] destaca como outro ponto positivo do ensino remoto é poder melhorar o desempenho do estudante em várias disciplinas. "Isso porque essa modalidade obriga o estudante a ser mais ativo, a realizar mais tarefas. Ao usar uma plataforma eletrônica, nosso aluno se torna mais organizado e se integra ao mundo da informação".

Começamos pela introdução à citação direta: pondo de lado por um momento as consequências sociopolíticas do retorno obrigatório às atividades de ensino em modalidade remota, imaginemos que seria hipoteticamente possível abordar a questão estritamente em seu aspecto técnico: estamos de acordo que as atividades de ensino em modalidade remota propostas se apresentam como alternativa emergencial, provisória, que não tem nem condições nem a pretensão de substituir o ensino presencial de maneira definitiva? Estamos de acordo que "a interação pessoal sempre será fundamental no ensino de qualquer disciplina"? Ora, no caso das respostas para estas perguntas serem afirmativas, **a que se presta uma afirmação de que "o ensino remoto melhora o desempenho do estudante em várias disciplinas"?**

Passando à citação direta das palavras do professor, e lembrando que estamos conduzindo aqui um forçoso exercício de abstração para considerar a questão de uma perspectiva "puramente técnica", de que aluno é esse que estamos falando, que se se mostra mais ativo e realiza mais tarefas quando se vê obrigado a lidar com as disciplinas em condições precarizadas de ensino? Que aluno é esse que espera que a porção presencial de ensino lhe seja tomada por uma crise sanitária, para apenas então proceder ao uso das plataformas eletrônicas, "tornar-se mais organizado", e integrar-se ao mundo da informação? Certamente não se trata dos colegas que vêm trabalhando arduamente na publicação de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, artigos, textos e painéis em congressos. Trabalhos estes que, inclusive, não raramente se apoiam sobre um referencial bibliográfico multilingue ao qual o acesso seria inimaginável sem os periódicos CAPES, sem a plataforma JSTOR, sem o dicionário Grove, dentre outras tantas plataformas de pesquisa. Certamente não se trata também dos colegas que vêm disponibilizando sua produção artística e intelectual ao público de Santa Catarina e do mundo através de plataformas digitais. Certamente não se trata, ainda, dos colegas que, ligados em suas plataformas digitais, não se sentiram representados ao se deparar com o distorcido e enviesado retrato de "volta-às-aulas" apresentado à comunidade pela notícia que estamos discutindo.

Reforçando a sensação de que houve um viés na triagem de relatos para a redação da notícia, soubemos do caso específico de um dos membros do corpo discente de música: em um primeiro momento, a pessoa foi contatada pelo canal oficial da UDESC na plataforma

Instagram, que solicitou um relato de experiência sobre os primeiros dias de aula dessa semana.² Pouco tempo depois, o canal perguntou se poderia publicar o depoimento em uma notícia sobre os primeiros dias de aulas não presenciais, ao que se respondeu que sim, desde que fosse incluída uma parte do depoimento na qual a pessoa relatava a organização de um movimento de greve dos alunos de música em reivindicação pela deliberação do Conselho Universitário a respeito da Resolução N° 032/2020 - CONSUNI (que delibera, *ad referendum* do Conselho Universitário da UDESC, pelo retorno às atividades de ensino de caráter obrigatório).

Em resposta à essa condição, a equipe responsável pela redação escreveu que o foco da matéria era “a experiência de alunos e professores com as ferramentas online nesse retorno não presencial, exclusivamente”, e que em respeito à precondição apresentada pela pessoa, o depoimento não seria utilizado. Sabemos agora, nós e vocês, caras leitoras, que os depoimentos utilizados não se limitaram “exclusivamente às ferramentas online”, mas continham também, ocultas em suas afirmações curtas e diretas, juízos a respeito do retorno às aulas de modo geral, a respeito do papel da faculdade e do objetivo de formação dos alunos, a respeito do que os alunos e professores estiveram fazendo durante o período em que as aulas estiveram suspensas, etc.

Como comenta a pessoa que emitiu o depoimento em questão,

Quando me deparei com a notícia publicada e li os depoimentos, vieram a mim algumas reflexões: concordo que falar dessas opiniões dissidentes, do esvaziar das turmas e da necessidade da convocação do conselho universitário não condizem com o foco na "experiência dos professores e alunos com ferramentas online no retorno não presencial", mas houve muitas outras opiniões no texto da reportagem que também saíam desse tema. Desde que fossem opiniões que manifestassem apoio à postura da implementação [do retorno às atividades de ensino obrigatórias], foram mantidos os depoimentos, mesmo que fugissem daquele tema estrito.

² O depoimento da pessoa, fornecido em duas partes separadas, é citado na íntegra a seguir: "Eu só tive uma aula, até agora. A aula teve alguns problemas de conexão, mas desligando as câmeras ocorreram menos travamentos. Porém, essa era uma disciplina com menos estudantes, e não reflete o que tem ocorrido em aulas síncronas com mais de 20 estudantes. Houve relatos de colegas com muitos (sic) problemas. Minha primeira aula nesse modelo será amanhã. Também é importante ressaltar que eu faço parte do centro acadêmico da Música e que estamos realizando um movimento de greve para que o Conselho universitário seja convocado, visando ampliar esse acesso e reduzir problemas de desigualdade entre os estudantes, agravados pelo ensino remoto." A segunda parte do depoimento, oferecida posteriormente: "Hoje tive uma aula com 18 alunos, numa turma que normalmente tem mais de 30. A conexão ocorreu bem, mas, como observamos, metade da turma não acessou [a aula]". Como um comentário ao depoimento, ressaltamos que, enquanto centro acadêmico, não reivindicamos apenas que o Conselho Universitário delibere sobre a resolução aprovada *ad referendum*, como deixamos evidente na presente carta, mas de todo modo consideramos este um ponto importante por ferir o funcionamento democrático do processo de tomada de decisões no ambiente universitário.

Imagino que [o meu caso] é apenas um [...] dentre outras vozes que foram abafadas na edição dessa matéria parcial.

Tudo isso nos leva ao argumento de que a matéria parece ter sido montada a partir de um processo tendencioso de seleção das opiniões coletadas, retratando ao público, deliberadamente, a experiência do retorno às aulas em modalidade "remota" ou "não presencial" como uma experiência de sucesso, na qual professores e alunos se encontram, a despeito dos contratemplos, satisfeitos. Nós, do Centro Acadêmico de Música da UDESC, tomando como base relatos da própria comunidade discente dos cursos de Música da universidade, bem como considerações produzidas por pesquisadores que vêm se debruçando sobre a questão do retorno às aulas em encontros virtuais (como nos debates do [Fórum Permante de Pesquisa em Educação Musical](#), e [na entrevista com o doutorando em educação Allan Kenji Seki](#) pelo jornal UFSC à Esquerda), consideramos que a questão do retorno às aulas é de grave urgência e deve ser discutida de maneira extensiva pela comunidade acadêmica, mas que o precoce retorno às aulas em caráter obrigatório na UDESC, para além de suas condições autocráticas de realização, é uma ação que tem consequências antidemocráticas para o funcionamento da universidade.

O que a matéria não revela, nem nos relatos selecionados e nem nos parágrafos em que comenta o retorno às aulas (ainda que a questão seja timidamente delineada na fala de uma estudante), é que com o retorno das aulas em modalidade obrigatória (isto é, ao retomar as aulas contando presença dos alunos, considerando conteúdo dado pelos professores, e colocando em curso o andamento do semestre), a universidade concorda em excluir da comunidade acadêmica um expressivo grupo de membros: aqueles aos quais faltam, e ainda não foram assegurados, meios e condições para participação neste modelo provisório de ensino não-presencial. Afinal, o subsídio de um serviço de internet é um diferencial que reabilita apenas uma pequena parcela das pessoas que, no presente momento, encontram-se impossibilitadas de participar de um "retorno ao semestre". Para o restante destas pessoas, o que se apresenta é uma forçosa exclusão do processo de formação, visto que não se lhes retira apenas o direito de participar da continuidade das atividades de ensino, mas também a possibilidade de dialogar sobre o problema com seus colegas e professores, que passam doravante a se concentrar em um esforço de adequar, às pressas e por cima de sua própria implementação oficial, as atividades formativas à modalidade "não-presencial". Como comenta Seki,

Ao fazer o ensino remoto em disciplinas obrigatórias, nós estamos aceitando que os estudantes que não possam acompanhar as disciplinas por meio de

plataformas, seja porque não dispõem dos recursos tecnológicos necessários para isso, seja porque as condições de vida nesse momento não permitem [...], que se essa parcela dos estudantes não puder acompanhar, tudo bem. E nós lavamos a mão para isso. (SEKI, 2020, 1:34:30 - 1:37:00, adaptações fala-texto nossas)

Consideramos necessário comunicar à população estas nossas preocupações, que nos fazem considerar que o retorno apressado e mandatário das aulas, no afã de instaurar uma imagem de "nova normalidade", não se configura de fato como uma experiência de "sucesso relativo", mas sim como uma ação que reconfigura o meio acadêmico em direção a um funcionamento menos democrático, coibindo a participação dos estratos menos favorecidos da sociedade e provocando a evasão de alunos em situações de fragilidade; uma ação que visa direcionar a força de trabalho da comunidade acadêmica para o estabelecimento de uma falsa "possível normalidade", quando (acreditamos que) esta força deveria estar sendo empregada em um esforço de reflexão sobre as diversas crises societárias que estamos enfrentando, em especial a crise pedagógica que se apresenta como decorrência da crise sanitária. Ou seja - e é importante frisar este ponto - **não estamos argumentando contra a realização de atividades de ensino, pesquisa, discussão e interação entre alunos e professores, mas sim contra o caráter obrigatório dessas atividades, sua pretensão de contar como a experiência do semestre "pra valer", e o conseqüente foco das atividades em um retorno ao conteúdo, à uma atividade mais ou menos "normal" da academia. Em tempos de crise, a universidade, como ponta de lança na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, deve enfrentar a crise frontalmente, refletindo ativamente sobre seu papel frente à comunidade como um todo.** Como escreve Adelia Ribeiro, e no intuito do que tentamos fazer nessa carta - a saber, contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica pelo povo brasileiro - "é imperativa a adesão de pesquisadores, cientistas e intelectuais ao projeto de construção de uma universidade autônoma e socialmente responsável, capaz de empregar a metodologia científica moderna a serviço de nosso povo/nação, isto é, no esforço de autocompreensão de nossas condições socioeconômicas, virtudes e vicissitudes, potencialidades e constrangimentos" (RIBEIRO, 2014, p. 154)

Nós, Centro Acadêmico dos cursos de música da UDESC, acreditamos que a universidade pública não pode buscar, como saídas para as crises que enfrenta no momento, soluções que em última análise tornem o ambiente acadêmico menos democrático, mais desigual, com participação ainda menor das classes populares. Nem soluções que, pretendendo "ensaiar modelos para o futuro", promovam uma realização provisória e

emergencial, de qualidade inferior à realização previamente vigente, sob as vestes de uma "solução que está dando certo, apesar de não ser adequada". Perguntamos: está dando certo para quem? Que mensagem estamos passando enquanto Universidade quando decidimos retomar o ensino "para quem puder" e vendemos isso como uma "experiência de sucesso dentro do possível"?

CENTRO ACADÊMICO DE MÚSICA DA UDESC

Obras citadas

RIBEIRO, Adelia Miglievich. O pensamento crítico acerca da universidade na América Latina: de Darcy Ribeiro à "modernidade-colonialidade". **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**. v. 8, n.2. 2014.

SEKI, Allan Kenji. **Artifícios do capital para a educação: as particularidades do ensino à distância**. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aaOFezCGLkc>>. Acesso em: 22 de jun. 2020.